

O NEOLOGISMO NA COBERTURA JORNALÍSTICA DA GUERRA DO IRAQUE: RUÍDOS DA COMUNICAÇÃO INTERNACIONAL?

Mariana Reis¹

Palavras-chave: Imprensa; criações lexicais; Guerra do Iraque; ruídos de comunicação.

Resumo: A linguagem sempre se relaciona a contextos específicos e se insere no cotidiano do falante, adaptando-se e transformando-se a partir das muitas necessidades sociais. Um contexto de guerra como o ocorrido no ano passado (Guerra do Iraque, 2003) trouxe à tona expressões e palavras diversas daquelas pertencentes ao do nosso vocabulário ocidental, revelando-nos outras realidades e complexidades. Mas até que ponto esse novo léxico facilitou ou dificultou nossa compreensão das informações relacionadas à guerra? A partir do caráter interdisciplinar das áreas de comunicação e lingüística, este artigo pretende discutir o surgimento de neologismos na cobertura da Guerra do Iraque pela imprensa escrita local, analisando se e de que forma a incorporação dessas novas palavras no léxico pode gerar dificuldades de compreensão textual (e contextual) para o leitor.

Introdução

A linguagem sempre se relaciona a contextos específicos e se insere no cotidiano do falante, adaptando-se e transformando-se a partir das muitas necessidades sociais. A palavra surge da necessidade de se nomear a ocorrência de novas situações, novos produtos, novas convenções, ou seja, sua função está diretamente relacionada ao uso. A essa “nova palavra”, ou ao novo uso de uma palavra já existente, a Lingüística dá o nome de *neologismo*. Para Carvalho (1983),

O valor da criação de uma palavra numa sociedade não é apenas o valor de uma nova forma que se impõe, fônica ou gráfica, mas um

¹ Estudante de Comunicação Social/Jornalismo e bolsista Pibic/CNPq/UFPE, tendo desenvolvido em 2003 a pesquisa *A Questão Neológica na Linguagem Jornalística Pernambucana: O Contexto Político-econômico e o Internacional*, parte do projeto *Inovações Lexicais e Semânticas no Jornalismo Recifeense*, sob orientação da Prof.^a Nelly Carvalho, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

signo, com um sentido, um referente e pressuposições; a partir daí, um novo conceito é introduzido na sociedade. (...) O neologismo é ao mesmo tempo uso do código e subversão, reconhecimento e transgressão da norma.

Há basicamente dois tipos de neologismos: os lexicais e os semânticos. Entende-se por neologismo lexical (ou formal) aquele ligado à *forma* da palavra. São aqueles formados a partir de variações de uma palavra preexistente, como, por exemplo, por derivação ou composição. Há ainda os empréstimos lingüísticos, estrangeirismos que podem incorporar-se à outra língua sem traduzir-se (caso dos xenismos) ou podem se adaptar por meio de processos de formação próprios da segunda língua (os hibridismos). O neologismo semântico, como o próprio nome supõe, refere-se a uma palavra já existente que, sem passar por nenhum processo de modificação, é tomada em outro sentido: daí a importância crucial do contexto para a sua determinação.

É através do jornalismo que os discursos e as terminologias dos mais diversos contextos são “vulgarizados”, repassados, de modo acessível, para a sociedade. Como bem já havia observado Carvalho, é na imprensa que se percebe mais facilmente as conseqüências das inovações lingüísticas, “pela quantidade de novos itens lexicais que entram na língua comum”. Tais inovações e renovações provêm das transformações da sociedade e do “resultado da crescente influência da ciência e da tecnologia na vida das pessoas”. Ressaltamos, aliás, a importância da imprensa escrita na incorporação primária desses neologismos no repertório da sociedade: é a partir do registro escrito que a palavra, antes restrita a determinados campos do saber, passa a existir formalmente para um universo mais amplo e mais democrático, o dos leitores de jornais.

Sabemos, obviamente, que nem todas as camadas da população têm acesso diário a informações da imprensa escrita, pelos motivos socioeconômicos mais diversos. Entretanto, também é sabido que o público leitor de jornal é um público médio, constituído de quase todas as faixas etárias e de vários níveis sociais²; daí a linguagem simplificada geralmente utilizada por esses veículos, embora nem sempre essa linguagem simplificada seja característica de todas as áreas trabalhadas pelos jornais: nos referimos especificamente aos cadernos de Economia e Internacional³, nos quais a presença de terminologias específicas e o uso de estrangeirismos muitas vezes dificultam a assimilação da informação por parte do leitor não familiarizado com essas áreas, causando problemas (ruídos) na comunicação pretendida.

² A pesquisa incluiu, também, o exame de um jornal de acesso considerado mais popular, a *Folha de Pernambuco*.

³ Áreas trabalhadas pela bolsista na pesquisa acima citada.

Uma cobertura jornalística de guerra como a ocorrida no ano passado (Guerra do Iraque, 2003) trouxe à tona expressões e palavras diversas daquelas pertencentes ao nosso vocabulário ocidental, revelando-nos outras realidades e complexidades. Mas até que ponto esse novo léxico facilitou ou dificultou nossa compreensão das informações relacionadas à guerra? Tal uso da linguagem gerou um retrato fiel daquela sociedade/realidade? Obviamente esse caráter de análise mais amplo não convém ser exposto aqui, nem constitui nosso objeto de análise; nos deteremos, portanto, unicamente à questão neológica no texto jornalístico da cobertura da guerra, verificando se tal fato poderia constituir um ruído de comunicação.

A escolha da análise dos neologismos na cobertura da guerra EUA x Iraque deveu-se ao fato de tal conjuntura afetar a situação política e econômica tanto das nações envolvidas quanto das demais, levando à adoção de novas formas de expressão para descrever a situação vivenciada. No contexto da Guerra do Iraque, o neologismo surge da necessidade de nomear e especificar realidades restritas, divergentes dos usados em outros contextos de guerra. São, em geral, além de termos pertencentes a um vocabulário bélico, estrangeirismos árabes e anglo-americanos ou nomenclaturas referentes a religiões da região do Golfo Pérsico, sobretudo o islamismo.

O estudo dessas alterações lexicais e semânticas a partir do noticiário internacional da imprensa pernambucana (jornais Diário de Pernambuco, Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio) dividiu-se em duas fases: a primeira, referente a abril de 2003, aborda o estopim e o auge dos ataques norte-americanos no Iraque; a outra considera a retomada do tema e os questionamentos do pós-guerra e é relativa à análise dos jornais principalmente a partir de agosto de 2003. No entanto, como se poderá observar, é a primeira fase que apresenta exemplos de neologismos mais interessantes.

Metodologia Aplicada

A pesquisa foi realizada a partir da leitura e análise do(s) caderno(s) e/ou páginas dedicadas ao noticiário internacional e à guerra do Iraque dos três jornais pernambucanos de circulação diária – Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio e Folha de Pernambuco.

Procedeu-se da seguinte forma: os termos selecionados no *corpus* de pesquisa foram submetidos ao *corpus* de exclusão (Dicionário Aurélio Século XXI) a fim de se verificar se eram ou não neologismos. Os termos que não constavam do *corpus* de exclusão, ou seja, que não estavam registrados no dicionário, foram, então, considerados neologismos *formais*. Os que estavam registrados, porém com significado diferente do encontrado, foram classificados como neologismos *semânticos*.

Os neologismos encontrados foram sistematizados e classificados em fichas, especificando-se termo (ou sigla), contexto, referências gramaticais, observações lingüísticas e/ou enciclopédicas e definição, conforme nos mostra o esquema apresentado na figura 1. Vale ressaltar que apenas a primeira ocorrência encontrada é registrada em ficha; eventuais repetições, variações e demais ocorrências, mesmo que em outros jornais, não entram na classificação sistemática via ficha de registro.

A referência do contexto apresenta-se, nas fichas de classificação, da seguinte forma: sigla do jornal, caderno, paginação. O Jornal do Commercio (JC) aparentemente detém um número maior de registros devido ao maior espaço dedicado à sua cobertura da guerra, através de um número maior de páginas que tratam do conflito no caderno Internacional. Entretanto, não é objetivo de nosso trabalho quantificar as ocorrências em cada jornal analisado.

Num segundo momento da pesquisa, estudou-se o processo de codificação da mensagem, da teoria da comunicação, a fim de determinar possíveis prejuízos na comunicação pretendida.

Figura 1

Termo	Sigla	Referências Gramaticais	Contexto	Observações Lingüísticas
Observações Enciclopédicas	Definição	Sinônimos	Autor da ficha	Data do Registro

Exemplos e Análises

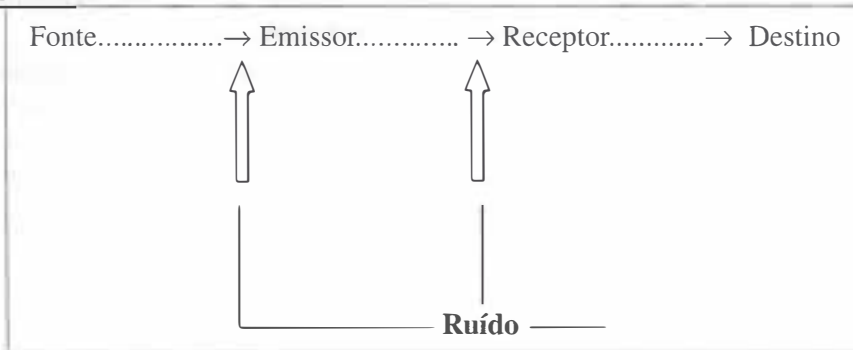
Para ilustrar este artigo, foram selecionados alguns exemplos de neologismos referentes à Guerra do Iraque encontrados durante o período de coleta de dados. Certos termos, apesar de constituírem criações neológicas, são entendidos mesmo alijados do contexto e não geram maiores dificuldades na compreensão. É o caso de neologismos como *pró-Israel* (JC – 01/04/2003, Internacional, p.9), *pró-Saddam Hussein* (JC 04/04/2003, Internacional, p.9), *pós-Saddam* (JC – 14/04/2003, Internacional, p.9), *não-árabe* (JC – 11/04/2003, Internacional, p.11) e as formações *homens-bomba* e *mulheres-bomba* com alto índice de ocorrência nos jornais. Parece claro nesses exemplos que a mensagem é bem assimilada por parte do leitor.

Segundo Pignatari (2002), o processo de comunicação, de transmissão de uma mensagem, pressupõe a existência de um repertório e de um código co-

mumentre receptor e transmissor, para que a decodificação da mensagem ocorra sem transtornos. Entretanto, durante todo o percurso percorrido pela mensagem, desde a saída da fonte até o destino, há possibilidade de ocorrerem ruídos⁴ de comunicação, ou seja, perturbações na compreensão da informação. Cabe observar que quanto menor o ruído, melhor será a qualidade de recepção da mensagem (ver figura 2).

Todo signo novo, no entanto, constitui, num primeiro momento, um ruído, visto seu caráter de “inesperado” e “raro”, de estranho à língua ou ao contexto. A teoria da comunicação, portanto, enxerga o neologismo (signo novo) como ruído: por ainda não fazer parte do “repertório coletivo”, interfere na transmissão da mensagem.

Figura 2



Pignatari nos dá ainda um interessante exemplo de ruído de comunicação ligado à linguagem jornalística: trata-se de uma manchete ambígua veiculada em jornal de grande circulação em São Paulo (ver Pignatari, 2002:23). Como esses, inúmeros outros exemplos de ruídos (ou lapsos, como ele os chama) podem ser extraídos da imprensa escrita diária. São erros de revisão, de pronúncia, grafias inadequadas. Por outro lado, há que se considerar também a questão da leitura: excetuando-se erros de imprensa e eventuais ambigüidades lingüísticas, o receptor/leitor só irá assimilar/interpretar a mensagem se a mesma de alguma forma já fizer parte de seu repertório.

Em relação aos estrangeirismos, Jakobson, através do exemplo do pronome inglês I (“eu”), afirma que “a relação entre a informação morfológica e a

⁴ Jakobson, no seu *Lingüística e Comunicação*, fala em ‘ruído de semântica’, ou de sentido, e fala que durante certo tempo tanto a Lingüística quanto a teoria da comunicação tratavam todas as considerações referentes a sentido como ruídos semânticos, excluindo a semântica do estudo das mensagens verbais. Ver Jakobson, (1999:82).

informação sintática em inglês deverá ser comparada com a relação equivalente em outras línguas”. Pode-se deduzir que o mesmo se aplica a outras línguas, mas, como proceder no caso de não haver palavra ou relação equivalente na outra língua? Falamos especificamente de alguns termos árabes reveladores de uma vivência social muito diversa da nossa ou pertinentes a etnias muito específicas, o que causa prejuízos de compreensão para o leitor e, conseqüentemente, de dificuldades de classificação enciclopédica para o pesquisador.

Certos termos encontrados constituem verdadeiro ruído por seu caráter de especificidade, gerando dificuldades de equivalência do termo em língua portuguesa. A inserção de termos como, por exemplo, *mujahedines* (JC – 09/04/2003, Internacional, p.9) ou *shahid* (DP – 06/04/2003, Mundo, p. B 11), no texto jornalístico, mesmo que referente ao contexto muito particular de guerra do Iraque, certamente causa estranhamento ao leitor comum, não familiarizado com a terminologia de religiões islâmicas ou etnias orientais.

Para interpretar tais nomenclaturas (a maioria das vezes não explicadas no texto jornalístico), nem sempre a observação do contexto é suficiente. Às vezes, faz-se preciso recorrer a material especializado ou buscar em outras fontes a informação necessária para decodificar a mensagem. No caso de *mujahedines* (cujo plural nos parece ser uma tentativa de aportuguesamento da palavra de origem árabe), recorreu-se à tradução inglesa, através do dicionário Oxford, para captar o real sentido do termo. Pelo contexto que nos foi fornecido pelo jornal, só pudemos interpretar que o mesmo se referia a pessoas envolvidas em atentados suicidas, enquanto que o dicionário Oxford traz *mujahedin* exatamente como combatente, guerrilheiro da milícia islâmica.

Já *shahid*, estrangeirismo de origem árabe, pode ser relacionado, pelos contextos em que foi encontrado, a ataque suicida. Seria uma expressão significando o martírio a que os islâmicos se submetem em defesa da religião e para alcançar o paraíso, conforme observa-se no contexto acima referenciado: “‘Não vou me casar porque decidi ser um *shahid* (mártir) (...)’ Issa gravara a mensagem (...) antes de partir (...) para se apresentar para o ‘martírio’, que em termos práticos se traduz em ações suicidas de ataque às tropas de coalizão no Iraque.” O contexto apresentado pelo discurso adotado aí deixa claro para o leitor as possíveis significações do termo, não prejudicando a compreensão geral da mensagem.

Interessante observar também a freqüente ocorrência do neologismo semântico *coalizão*, usado nesse contexto de guerra para referir-se às tropas americanas e aliadas. Em oposição às “tropas de coalizão”, a Guerra do Iraque apresentou-nos também o sintagma neológico *eixo do mal* (JC – 10/04/2003, Internacional, p.10). Expressão utilizada, a princípio, pelo governo norte-americano por ocasião dos atentados terroristas de 11 de setembro, para referir-se a

países terroristas da região do Golfo, é retomada aqui ainda significando grupo de países orientais considerados terroristas, como podemos perceber, em grifo, no contexto selecionado, acima referenciado: “Ontem, o porta-voz da Casa Branca Ari Fleischer anunciou que EUA e Coréia do Sul devem realizar um encontro de cúpula no dia 14 de maio para discutir o problema da Coréia do Norte que, como o Irã e o Iraque, foi incluída no chamado eixo do mal”.

O contexto acima apresentado deixa bem claro para o leitor como a mensagem deve ser interpretada: a partir do maniqueísmo de guerra “bem x mal”, presente em outras criações neológicas observadas nessa pesquisa, como *antiterror*.

Algumas Conclusões

Com a análise acima, podemos concluir que muitas vezes apenas a referência a um contexto não é suficiente para a decodificação completa da mensagem. Assim, faz-se necessário recorrer a outras fontes de informação e a outros materiais de consulta para apreender o real valor semântico da mensagem ou do termo. Entretanto, é preciso considerar que o leitor de jornal médio não tem acesso a essas outras ferramentas de auxílio na compreensão do texto e, principalmente, pelo próprio caráter pontual e simplificado característico do texto jornalístico, tais alternativas deveriam ser desconsideradas.

Obviamente, não é costume se ler jornal com um dicionário a tiracolo, excetuando-se os casos de pesquisa, inclusive a escolar. Assim, a imprensa escrita deveria ser uma facilitadora do processo de decodificação da mensagem jornalística, não uma “provocadora de ruídos de comunicação”.

O caderno dedicado ao noticiário de política internacional, evidentemente, traz um grande número de termos e expressões incompreensíveis a princípio, numa primeira leitura, pela quantidade de estrangeirismos e nomenclaturas específicas utilizadas. Assim, o noticiário internacional seria um campo mais “predisposto” ao ruído, pelo alto índice de signos novos ali observados.

O contexto de guerra também apresenta um bom número de contribuições e peculiaridades para a ampliação do léxico. Às vezes, tais contribuições são passageiras, marcadoras daquele contexto específico, único; outras vezes, esses neologismos se incorporam a outros contextos de guerras futuras, ou a outros campos sociais, ou o contexto de guerra cria neologismos em outras áreas distintas: caso do neologismo *risco-Turquia*, verificado na mesma época, no caderno de Economia. Política e Economia são áreas intrinsecamente ligadas, como já se havia dito no começo deste artigo.

Ainda em relação a prejuízos na compreensão da mensagem, observou-se que quanto maior o espaço de texto dedicado a explicar o contexto social ou

momentâneo no qual o termo foi encontrado, menor a possibilidade de ruído, como no exemplo de *shahid*, anteriormente apresentado. No entanto, por uma questão de utilização de espaço físico, nem sempre o jornal se predispõe a maiores explicações terminológicas.

A recorrência a agências internacionais para reproduzir notícias também revela uma tendência a ambigüidades e dificuldades na compreensão da mensagem. Como vimos, muitas vezes a simples tradução direta não é suficiente e, em muitos casos, não há equivalência direta em língua portuguesa. É preciso observar o contexto político-social maior no qual o novo signo está inserido, a fim de facilitar a decodificação da mensagem para o leitor, que, tendo acesso a outras realidades sociopolíticoeconômicas, amplia não só seu léxico, mas a sua visão de mundo.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. 1990. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo, Ática.
- CARVALHO, Nelly M. 1982. *Neologismo na Linguagem Jornalística Recifense*. Recife, Dissertação de Mestrado, UFPE.
- _____. 1983. *Linguagem Jornalística. Aspectos Inovadores*. Recife, Secretaria de Educação de Pernambuco – Associação da Imprensa de Pernambuco.
- JAKOBSON, Roman. 1999. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix.
- PIGNATARI, Décio. 2002. *Informação, Linguagem, Comunicação*. São Paulo, Ateliê Editorial.